

Ritornando alle origini: a identidade italiana em Urussanga (SC) no final do século XX e início do XXI

Ritornando alle origini: the Italian identity in Urussanga (SC) in the end of 20th century and at the beginning of the 21st century

Julia Massucheti Tomasi ¹

Resumo: Desde as últimas décadas do século XX, a cidade de Urussanga, intitulada capital italiana de Santa Catarina, tem vivenciado um processo de afirmação da identidade italiana. O presente artigo destaca as variadas ocasiões que os urussanguenses encontram para afirmar a italianidade, como as festas, a culinária, a obtenção da dupla cidadania, as ações do consulado, além do *gemellaggio* com a cidade italiana de Longarone, pacto que criou variadas oportunidades de emprego na Europa.

Palavras-chave: Urussanga, Santa Catarina identidade, italianidade, migração.

Abstract: Since the last decades of the 20th century, the city of Urussanga, entitled as the Italian capital of Santa Catarina State, has experienced a process of affirmation the Italian identity. This article shows the diversity of motivations that Urussanga inhabitants had to affirm the Italian identity, and as well through the holidays, cuisine, through the dual citizenship, the consulate actions, and through *gemellaggio* with the Italian city of Longarone, a pact created employment opportunities in Europe.

Keywords: Urussanga, State of Santa Catarina (Brazil), identity, Italian identity, migration.

Introdução

Nas últimas décadas do século XX e no início do XXI, a cidade de Urussanga, conhecida como capital italiana de Santa Catarina, vivenciou um processo de afirmação da identidade italiana. Desde então, têm sido diversas

¹ Graduada em História pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC). Atualmente é aluna de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em História do Centro de Ciências Humanas e da Educação da Universidade do Estado de Santa Catarina (PPGH-UDESC) (2011). E-mail: juliamtomasi@hotmail.com.

as ocasiões e maneiras que os urussanguenses encontram para rememorar a identidade italiana, como as festas (entre elas, a Festa do Vinho e a *Ritorno Alle Origini*), bem como as ações do consulado (que oferece aos ítalo-brasileiros cursos de língua italiana), a gastronomia, a obtenção da dupla cidadania, as músicas e vestimentas típicas. Outro aspecto é o *gemellaggio*,² desde o ano de 1992, com a cidade italiana de Longarone, criando-se com esse pacto variadas oportunidades de emprego na Europa. Com isso, Urussanga, a cidade de imigração italiana do final do século XIX, tornou-se nas últimas duas décadas “terra de emigrantes”, visto que muitos urussanguenses veem a emigração para a Europa, em especial para a Itália e a Alemanha, como um projeto de vida e um meio de ascensão social.

Procura-se com esse artigo apresentar algumas características da história da cidade de Urussanga, abordando desde sua fundação, no ano de 1878, destacando principalmente as variadas oportunidades encontradas pelos urussanguenses para afirmar a italianidade no final do século XX e início do XXI. Do mesmo modo, busca-se analisar as condições de emergência e consolidação de ações de afirmação da italianidade em Urussanga e indicar os efeitos da afirmação da italianidade para a Urussanga contemporânea.

Urussanga: una città brasiliana “colorata” di verde, bianco e rosso³

Urussanga, sede e centro principale delle colonie italiane al sud dello Stato di Santa Caterina del Brasile, porta un nome che, come si esprimeva pochi mesi or sono un giornale italiano, sembra ‘il grido di guerra d’una tribù selvaggia’. Mentre i diversi nucei delle colonie dipendenti da Urussanga portano i nomi delle città italiane come: Nuova Venezia, Nuovo Belluno, Nuovo Treviso, Nuovo Palermo ed anche Nuova Roma

² O *gemellaggio* é um pacto de amizade e fraternidade entre cidades irmãs (italianas e brasileiras). Para Maria Catarina Zanini, os *gemellaggi* visam “desenvolver relações de cooperação entre as localidades que passam a se denominar ‘cidades irmãs’, bem como se reconhecerem oficialmente como ‘parentes’ em termos de população”. ZANINI, Maria Catarina. **Italianidade no Brasil Meridional**: a construção da identidade étnica na região de Santa Maria-RS. Santa Maria: UFSM, 2006. p. 204.

³ Urussanga: uma cidade brasileira “pintada” de verde, branco e vermelho (tradução livre feita pela autora).

(futuro), la sede invece di tutte, Urussanga, porta il nome veramente selvaggio.⁴

A cidade de Urussanga, que se localiza no sul do estado de Santa Catarina, a 185 km da capital Florianópolis, foi fundada em 26 de maio de 1878, recebendo no final do século XIX grande número de imigrantes italianos. As razões que os levaram a imigrar, saindo da Itália e procurando um novo espaço para se estabelecer, são diversificadas. Os italianos viviam em um país que havia acabado de se unificar politicamente, encontrando dificuldades de unir as regiões que eram separadas em “[...] ducados, principados (e outras divisões) e pela língua, cujos dialetos são tão diferentes”, conforme destaca Marilda R. G. Checcucci Gonçalves da Silva.⁵

Vindos do norte da Itália, região que não havia se adaptado às novas exigências introduzidas nas “[...] relações de produção capitalista no campo”,⁶ e instigados pelas propagandas disseminadas por jornais, circulares ou conferencistas, principalmente entre os anos de 1876 a 1878, os imigrantes italianos acabavam desenhando em “[...] cores de ouro e apontando como terra prometida a América e em modo particular o Brasil.”⁷

Devido à crise econômica vivenciada pelos italianos, como entre os vênnetos, lombardos e trentinos, que eram em sua grande maioria agricultores,⁸ estes acabaram escolhendo o Brasil como um meio de buscar a oportunidade de uma vida melhor, sendo que muitos vinham com o intuito

⁴ Urussanga, sede e centro principal das colônias italianas ao sul do estado de Santa Catarina do Brasil, traz um nome que, como se exprimia há poucos meses um jornal italiano, parece “um grito de guerra de uma tribo selvagem”. Enquanto os diversos núcleos das colônias dependentes de Urussanga trazem nomes de cidades italianas, como Nova Veneza, Nova Belluno, Nova Treviso, Nova Palermo e também Nova Roma (futuro), em vez, a sede de todos, Urussanga, traz um nome verdadeiramente selvagem (tradução de João Leonir Dall’Alba). MARZANO, Luigi. **Colonos e missionários italianos na floresta do Brasil**. Florianópolis: Ed. da UFSC, 1985. p. 53. Importante ressaltar, neste sentido, que tal relato foi escrito no início do século XX, por Luigi Marzano, vigário italiano que chegou à cidade de Urussanga no dia 23 de dezembro de 1899, duas décadas após a primeira leva de colonos italianos.

⁵ SILVA, Marilda R. G. Checcucci Gonçalves da. **Imigração italiana e vocações religiosas no Vale do Itajaí**. Campinas: Editora da Unicamp (Centro de Memória), 2001. p. 17.

⁶ *Ibidem*.

⁷ MARZANO. **Colonos e missionários italianos...**, op. cit. p. 54.

⁸ Segundo Marilda da Silva, 60 % da população ativa italiana vivia da agricultura, porém 80% não possuía sequer um pedaço da terra. In: SILVA. **Imigração italiana e vocações religiosas...**, op. cit. p. 35.

de regressar ao seu país de origem. Na Itália, poucos dos imigrantes possuíam terras, contudo, ao chegarem ao Brasil, em especial na região sul, tornavam-se donos de terras, apesar destas serem, muitas vezes, de tamanho ínfimo, como afirma a historiadora Ellen Fensterseifer Woortmann.⁹ Tais imigrantes italianos, vindos, sobretudo, do norte da Itália, conforme supracitado, desembarcaram a “*Questa Mèrica*” com a esperança de uma vida melhor e de um retorno próximo à Europa, de forma que a cidade de Urussanga acabou se transformando no principal centro da colonização italiana do sul do estado catarinense.

Ao chegarem, os primeiros imigrantes recebiam da Companhia Colonizadora apenas seu lote de terra, o qual deveriam limpar, roçar e plantar, não havendo na região boas estradas de rodagem e nenhuma estrada férrea. Em relação às estradas de rodagem, estas aparecem no relatório do ano de 1878, do então 1º. vice-presidente da província de Santa Catarina, Joaquim da Silva Ramalho, que mencionava a necessidade da “conclusão das estradas de Urussanga e Rio dos Porcos, estimadas em 26 contos de réis”.¹⁰

Como relatado pelo padre Luigi Marzano,¹¹ que chegou à Urussanga duas décadas após a primeira leva de colonos, muitos deles sofreram com a situação de “desamparo”, devido à carência de auxílio que anteriormente era prometido pela Companhia Colonizadora. Marzano também reforça a condição de “isolamento” dos italianos, apesar de viverem na região os indígenas, principalmente os Xokleng,¹² que ocupavam grande parte desse território posteriormente habitado pelos italianos. Os imigrantes

⁹ WOORTMANN, Ellen Fensterseifer. **Herdeiros, parentes e compadres: colonos do sul e sitiante do nordeste**. São Paulo: HUCITEC, 1995. p. 117-118.

¹⁰ RAMALHO, Joaquim da Silva. **Relatório com que ao Exm. Sr. Dr. Joaquim da Silva Ramalho, 1º vice-presidente passou a administração da província de Santa Catharina ao Exm Sr. Dr. Jose Bento de Araujo, em 14 de fevereiro de 1878**. Desterro: Typ Regeneração R. de João Pinto n. 20. 1878. p. 49. Disponível em: Center for Research Libraries – Brazilian Government Documents, <<http://www.crl.edu/brazil>>. Acesso em: 17 fev. 2012.

¹¹ MARZANO. **Colonos e missionários italianos...**, op.cit. p. 59.

¹² De acordo com Maurício da Silva Selau, os Xokleng eram nômades, deslocando-se pela região conforme a estação do ano, sendo que sua alimentação era garantida pela caça e pela coleta. No período do inverno, costumavam ficar “próximos às bordas do planalto catarinense, onde aproveitavam o pinhão e as caças para alimento. Já na primavera, procuravam estar onde era possível conseguir caça e os frutos típicos da estação”. SELAU, Maurício da Silva. **A ocupação do território Xokleng pelos imigrantes italianos no sul catarinense (1875-1925): resistência e extermínio**. Florianópolis, 2006. 156 p. Dissertação (Mestrado em História). UFSC. p. 19.

travaram diversas lutas com os Xokleng, visto, entre outros motivos, o ideal do colono de desbravar as “florestas sem donos”, sendo que os indígenas eram considerados um empecilho para o alcance do progresso tão almejado. Já para os Xokleng, que viviam na floresta atlântica, os imigrantes eram “intrusos dispostos a dominar este território”.¹³ Travava-se dessa forma, uma luta entre ambos, sendo que os indígenas, como forma de se defenderem dos imigrantes, aperfeiçoaram suas armas através, principalmente, dos metais retirados de objetos roubados dos colonos. Os índios confeccionaram então armas mais eficazes e letais para atingir o alvo, o que provocou, em especial nas décadas de 1880 e 1890, a morte de dezenas de italianos, fossem jovens, crianças e idosos, como alguns integrantes das famílias Pilon, Zanelato, Spricigo e de Brida, conforme apresentado em alguns trabalhos locais.¹⁴

Com isso, o trabalho do bugreiro, que segundo Selau “consistia em localizar o acampamento dos índios e aguardar o melhor momento para atacá-los”,¹⁵ passou a ser essencial para os colonos, ocasionando a morte de centenas de indígenas e seu quase extermínio.¹⁶ No início do século XX, após a intervenção dos bugreiros, o número de Xokleng caiu drasticamente, permanecendo os últimos deles nas matas do sul do estado catarinense até o final da década de 1940, conforme destaca Maurício Selau.¹⁷

Mesmo que para tanto mudanças radicais no modo tradicional do grupo tivessem que ser feitas, os Xokleng conseguiram permanecer nas matas no Sul de Santa Catarina até 1949, quando os últimos três indivíduos deste grupo, um casal idoso e um jovem, foram localizados e contactados na localidade de Três Barras, município de Orleans.

¹³ SELAU. **A ocupação do território Xokleng...**, op. cit. p. 118.

¹⁴ Para saber mais, consultar as obras de alguns autores como: BALDESSAR, Quinto Davide. **Imigrantes: sua história, costumes e tradições.** [S. I.]: Do autor, 1991. p. 162-163. MARZANO. **Colonos e missionários italianos...**, op.cit. p.184.

¹⁵ SELAU. **A ocupação do território Xokleng...**, op. cit. p. 133.

¹⁶ Para saber mais sobre os Xokleng em Santa Catarina, ver: SANTOS, Silvio Coelho. **Os índios Xokleng: memória visual.** Florianópolis: Ed. Ufsc/ Ed. Univali, 1997; SANTOS, Silvio Coelho. Sobre a existência de índios Xokleng não contactados na Serra do Tabuleiro, em Santa Catarina. In: **Anais do Museu de Antropologia.** Florianópolis, v. 5, 1972.

¹⁷ SELAU. **A ocupação do território Xokleng...**, op. cit. p. 140.

Além das lutas travadas com os indígenas, após estabelecerem-se na região, muitos dos imigrantes italianos sofriam com doenças e infecções, como as feridas nas pernas e nos pés, em razão da mudança abrupta do clima e do árduo trabalho de que estavam encarregados, como descreve Luigi Marzano, que vivenciou tais dificuldades em Urussanga no final do século XIX e início do XX.¹⁸ Em 1880, uma epidemia arrasou um dos núcleos de Urussanga, matando dezenas de pessoas, tanto crianças quanto adultos, como descreve Quinto Davide Baldessar:¹⁹

Dois anos depois da chegada dos primeiros [imigrantes], em 1880, em Rio Carvão passou uma peste que até hoje não se sabe ao certo o que teria sido. O certo é que a angústia entrou nos lares. Febres muito altas, sem saber o porquê, sem ter o que administrar para ajudar o doente. Eram noites indormidas ao pé da cama, quando a cama, muitas vezes, era o próprio chão batido da casa improvisada, onde além do frio do inverno, vinha por acréscimo o frio da febre, o frio da peste. E de quando em quando a notícia de mais um que partia e que, por solidariedade, devia ser acompanhado ao cemitério. Rio Carvão teve que ampliar o cemitério junto à sua igreja improvisada porque Rio Carvão ainda não possuía sua igreja definitiva.

Foram dezenas as vítimas entre os adultos e mais ainda entre as crianças. Uma vez tendo penetrado na família, quase todos os membros eram atingidos pela febre.

Quanto à viagem dos imigrantes italianos até o Brasil e em especial até a colônia em que se estabeleceriam em Santa Catarina, feita de navio e, depois da chegada ao Brasil, de carro de boi ou a pé, quem se responsabilizava pelos seus transportes e alimentações eram os diretores das colônias. No caso da Colônia de Urussanga, essa responsabilidade “cabia ao Engenheiro Joaquim Vieira Ferreira, diretor dos Núcleos Coloniais de imigrantes italianos, e ao seu auxiliar diretor, o agrimensor Augusto

¹⁸ MARZANO. *Colonos e missionários italianos...*, op.cit. p. 58.

¹⁹ BALDESSAR. *Imigrantes...*, op. cit. p.117. Importante destacar, neste sentido, que Quinto Davide Baldessar fundamenta muitos de seus escritos por meio de relatos deixados por Luigi Marzano, que foi vigário na cidade de Urussanga, conforme já mencionado anteriormente.

Barrandon, e outros auxiliares ainda”, como ressalta a historiadora Nelma Baldin.²⁰

Além de pagarem as refeições e os transportes durante a viagem, os diretores também se responsabilizavam pelos imigrantes durante os “8 dias depois da chegada ao rancho de Urussanga”,²¹ como explicitado em um anúncio do jornal *O Despertador*, de 1878, sobre a Colônia de Azambuja, conforme imagem a seguir:

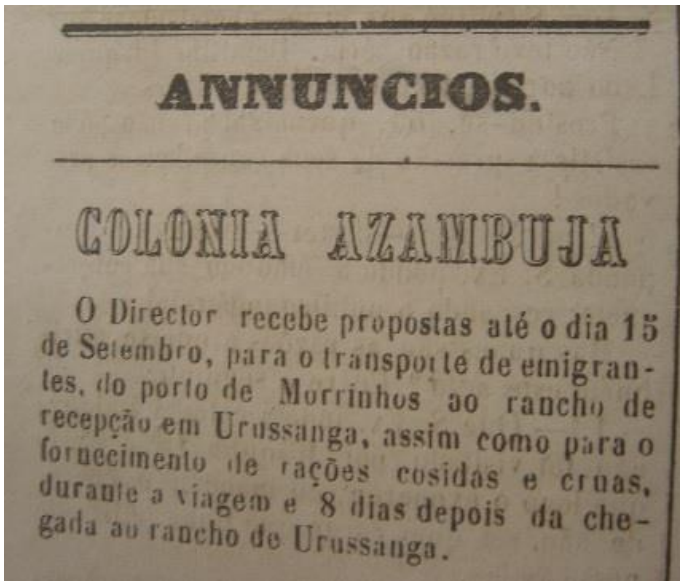


Imagem 1 - Anúncio de jornal sobre a “Colônia Azambuja”

Fonte: Jornal *O Despertador*, de 6 de setembro de 1878.

Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina

Os imigrantes também recebiam, nos seis primeiros meses, hectares de terras da Companhia Colonizadora, que deveriam pagar depois de dois anos, além de receberem “cerca de 11 mil réis”²² por cada quinze dias trabalhados para a Companhia. Esse valor era pago aos italianos através de

²⁰ BALDIN, Nelma. **Tão fortes quanto a vontade - história da imigração italiana no Brasil**: os Vênetos em Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1999. p. 68.

²¹ ANNUNCIOS. **O Despertador**, Desterro, nº 1618, 6 set. 1878. Acervo da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina (BPESC)

²² MARZANO. **Colonos e missionários italianos...**, op. cit. p. 58.

vales que poderiam ser trocados por gêneros alimentícios nos armazéns, duas vezes na semana.

Mas após esses primeiros seis meses, de acordo com Luigi Marzano, os colonos foram abandonados a sua sorte, sem “qualquer tipo de subvenção por parte da Companhia de Imigração”.²³

Além de plantarem seu próprio sustento, como o milho, o arroz, o feijão e a abóbora, os imigrantes necessitavam de alguns instrumentos de trabalho e instalações, como a atafona para moer o milho. A primeira delas foi inaugurada em abril de 1879, na localidade de Rancho dos Bugres, pelos colonos Ferdinando, Giovanni e Celeste Savi.²⁴ Em 1885, após sete anos de colonização, a produção de alimentos já superava o consumo interno, criando-se então a oportunidade de exportar gêneros alimentícios coloniais, como salienta Oswaldo Rodrigues Cabral.²⁵

Posteriormente à chegada das primeiras famílias italianas, em 26 de maio de 1878, muitas outras continuaram a chegar à região de Urussanga, como no natal de 1879, estabelecendo-se na cidade o dobro de imigrantes italianos já chegado anteriormente.²⁶ No ano de 1895, segundo o pesquisador João Leonir Dall’Alba,²⁷ a cidade já contava com cinco mil habitantes, todos da região norte da Itália, transformando-se no principal centro comercial da “zona de colonização italiana, superando mesmo as primeiras colônias como Azambuja, Pedras Grandes, Canela Grande e Armazém”.²⁸ Depois de uma década e meia instalados na região, os imigrantes já haviam construído “mais de 50 engenhos de cana e quase outros tantos alambiques, 16 moinhos, 6 ferrarias, 25 negócios”,²⁹ sendo que no ano de 1890 Urussanga deixava de ser colônia e tornava-se distrito de Tubarão, como menciona Dall’Alba.

Em relação às prioridades dos imigrantes, uma das primeiras delas era a construção da igreja católica, que foi levantada em um morro no centro da colônia (local onde hoje é a igreja matriz), sendo essa capela construída de madeira e coberta com folhas de caeté, conforme reportagem da revista

²³ MARZANO. **Colonos e missionários italianos...**, op. cit., p. 59.

²⁴ *Ibidem*, p. 60.

²⁵ CABRAL, Oswaldo Rodrigues. **História de Santa Catarina**. Florianópolis: Imprensa da Universidade Federal de Santa Catarina, 1968. p. 226.

²⁶ MARZANO. **Colonos e missionários italianos...**, op. cit. p. 61.

²⁷ DALL’ALBA, João Leonir. Imigrantes italianos em Santa Catarina. In: DE BONI, Luis Alberto (Org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: EST, 1987. p. 155.

²⁸ BALDIN. **Tão fortes quanto a vontade...**, op. cit. p. 88.

²⁹ DALL’ALBA. Imigrantes italianos em Santa Catarina. op. cit. p. 155.

*Panorama da Nossa Gente*³⁰, baseada nos escritos deixados pelo padre Luigi Marzano. Esse apego e devoção à Igreja Católica já eram presentes, muitas vezes, desde a infância ou juventude na “terra natal”, como se observa entre os trentinos, que eram fortemente influenciados “pelos mandamentos da Igreja Católica, através de seus bispos e curas”,³¹ como menciona Marilda da Silva. Em parte expressiva da Itália, principalmente no norte do país, como na região de Trento, a Igreja Católica era a autoridade, como observado através dos jornais locais, que eram controlados em muitos casos por ela. Deve-se enfatizar, do mesmo modo, que muitas das cidades italianas eram formadas, ainda no início do século passado, “[...] em torno da igreja comunal, onde o sino controlava os movimentos do tempo e o sacerdote, as normas de conduta”, como apresenta Luis Fernando Beneduzi.³²

E quando chegavam ao Brasil, de acordo com Zuleika Alvim,³³ esses imigrantes italianos “não descansavam enquanto não construíssem uma pequena capela e não tivessem um padre para rezar a missa”. Assim, nas localidades que foram se formando em Urussanga, como Rancho dos Bugres, São Pedro, São Valentim, Rio Maior, Rio Salto, Rio Carvão e Rio Caeté, encontrava-se um núcleo formado pela “capela, cemitério, casas e assim por diante”.³⁴ Já na região central da colônia, estava localizado o comércio, como também a igreja, o cemitério, a casa paroquial, a praça e duas fileiras de casas, sendo parte delas casas de negócio e também moradias. E através do centro ramificavam-se “as estreitas estradas por todos os lados, conduzindo aos diversos núcleos coloniais”.³⁵

Segundo o italiano Alfredo Cusano, que viveu em Urussanga entre os anos de 1904 e 1906, existiam na cidade dezenove casas comerciais, mas apenas dez eram notáveis, porque nelas girava um capital que ia “de 40 até 1000 mil liras”.³⁶

³⁰ **Panorama da Nossa Gente**. Urussanga, ano 1, nº 1, 26 maio 1999. p. 7.

³¹ SILVA. **Imigração italiana e vocações religiosas...**, op. cit. p. 20.

³² BENEDUZI, Luis Fernando. **Imigração italiana e catolicismo: entrecruzando olhares**, discutindo mitos. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008. p. 53.

³³ ALVIM, Zuleika. **Imigrantes: a vida privada dos pobres do campo**. In: SEVCENKO, Nicolau (Org.). **História da vida privada no Brasil. República: da Belle Époque à Era do Rádio**. 3 v. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. p. 261.

³⁴ MARZANO. **Colonos e missionários italianos...**, op. cit. p. 113.

³⁵ *Ibidem*.

³⁶ CUSANO, Alfredo. **Italia d'oltre mare: impressioni e ricordi dei miei cinque anni di Brasili**. Milano: Stabilimento Topográfico Enrico Reggiani, 1991. p. 233.



Imagem 2 - Praça e igreja de Urussanga na primeira metade do século XX
Acervo privado da Foto Prado, 2010.

Depois dos imigrantes italianos terem se estabelecido, muitas foram as transformações ocorridas na região, em especial durante as primeiras décadas do século XX. No ano de 1901, a cidade foi elevada a município, instalando-se “oficialmente o poder executivo do município de Urussanga em 22 de janeiro de 1901, tendo tomado posse no cargo de Prefeito, o senhor Jacinto De Brida”.³⁷ Já no final da década de 1910, foi inaugurado o primeiro hospital da cidade, como destacado na matéria da revista *Panorama da Nossa Gente*: “Em 1919, [...] é inaugurado o Hospital de Caridade, [...] que se localizava onde hoje é o prédio da Prefeitura Municipal”³⁸.

A partir da década de 1910, com a descoberta do carvão mineral e a abertura das minas, a cidade desenvolve-se economicamente, sendo inaugurada no ano de 1918 a Companhia Carbonífera de Urussanga. Entre as regiões de extração do carvão mineral na cidade, pode-se apontar o Rio Deserto, o Rio América e o Rio Santana, como ressalta Paola May Rebollar.³⁹ E a partir da exploração do carvão, as vilas operárias foram

³⁷ APOSTILA de Urussanga, s. d. Acervo da Biblioteca do Museu Histórico Municipal Monsenhor Agenor Neves Marques, Urussanga.

³⁸ *Panorama da Nossa Gente*. op. cit. p. 36.

³⁹ REBOLLAR, Paola May. *Vales da uva Goethe*. Urussanga: PROGOETHE, 2007. p. 32.

formadas nas proximidades das minas, de forma que tais minas acabaram atraindo novos moradores para a cidade.

O trabalho nas minas, apesar de altamente insalubre, acabou se tornando bastante comum entre os urussanguenses, por ser, entre outros motivos, “uma atividade de alta remuneração e curta carreira, com aposentadoria precoce aos 15 anos de trabalho”.⁴⁰ Como isso, muitos agricultores abandonaram o trabalho rural e passaram a viver da extração do carvão mineral, de modo que essa transformação causou, na década de 1940, o “declínio da atividade vitivinícola e a ascensão do carvão”, como salienta Rebollar.⁴¹

Nas primeiras décadas do século XX, além da descoberta do carvão mineral e da abertura das minas, uma estrada de ferro também movimentou a região. A partir da construção do ramal da Estrada de Ferro Dona Teresa Cristina até Urussanga, na década de 1920, muitos foram os avanços, como o escoamento de produtos para o sul do estado, fazendo a cidade crescer economicamente, conforme ressalta Agenor Neves Marques.⁴²

Festas, *gemellaggio* e dupla cidadania: a afirmação da identidade italiana na cidade de Urussanga

Nos dias de hoje, Urussanga conta com um movimento econômico diversificado, baseado nas indústrias de artigos plásticos, cerâmicos e moveleiros. Mas a cidade é conhecida principalmente pela produção de seus vinhos. As primeiras videiras, de acordo com Paola May Rebollar, foram trazidas pelos imigrantes italianos dentro dos navios, de modo que as sementes eram “cobertas com musgos para sobreviver à viagem”.⁴³ A produção do vinho era inicialmente para consumo próprio, mas já no ano de 1887 foram produzidos pelos colonos de Urussanga “13.600 litros”⁴⁴ da bebida.

Durante a primeira metade do século XX, várias vinícolas se estabeleceram na cidade, como a Caruso MacDonald, a Lourenço Cadorin e a Victório Bez Batti, entre uma dezena de outras, sendo nelas realizado todo um processo que ia desde a chegada da uva, passando pela fabricação da

⁴⁰ Ibidem.

⁴¹ Ibidem, p. 35

⁴² MARQUES, Agenor Neves. **História de Urussanga**. Urussanga: Do autor, s. d. p. 153.

⁴³ REBOLLAR. **Vales da uva Goethe**. op. cit. p. 18.

⁴⁴ Ibidem.

bebida, até o momento da exportação, como descreve detalhadamente Rebollar:

A uva chegava às vinícolas em carros de boi, era processada e, depois de pronto, o vinho era acondicionado em garrafas e garrafões de vidro, os quais eram envoltos em palha de trigo e colocados em caixas de madeira para transporte. As caixas eram levadas também em carros de bois até a estação da estrada de ferro, onde eram despachados para Laguna. Em Laguna, os vinhos eram embarcados em navios para serem levados a outras regiões do país. Os vinhos de uva Goethe da região de Urussanga eram exportados para o litoral de Santa Catarina, Paraná, Rio de Janeiro, São Paulo, Bahia e outros Estados nas regiões Norte e Nordeste do país.⁴⁵

No estado de Santa Catarina, os vinhos do município de Urussanga são bastante apreciados, sendo a cidade conhecida como “Capital do Vinho” e “Terra do Bom Vinho”. Com isso, através de eventos festivos, como a Festa do Vinho, que ocorre a cada dois anos, desde 1984, a cidade recebe turistas de diversas localidades, mostrando aos seus visitantes a italianidade por meio da gastronomia, com pratos como a polenta e, principalmente, dos diversos vinhos produzidos na região, como aponta Ana Carolina da Silva.⁴⁶

Outra festa é a *Ritorno Alle Origini*, que ocorre também a cada dois anos, desde 1991, atraindo igualmente grande número de visitantes. Nas edições dessa festa, por meio de *slogans* como “A festa mais autêntica da tradição italiana de Santa Catarina” e “*la festa della cucina e della tradizione italiana*”, além de *folders* (Imagem 3) com fotografias do início do século XX, observa-se um processo de afirmação da cultura e identidade italianas.

⁴⁵ Ibidem, p. 30.

⁴⁶ SILVA, Ana Carolina Wessler Prudêncio da. **A construção de uma Itália brasileira: festas e produções culturais em Urussanga (1984-2004)**. Florianópolis, 2006. 57 p. Monografia (Graduação em História). Universidade do Estado de Santa Catarina. (Centro de Ciências Humanas e da Educação, UDESC).



Imagem 3 - Folders das VII, VIII e X edições da Festa *Ritorno Alle Origini*
Fonte: Site da festa *Ritorno Alle Origini*

Disponível em: <<http://ritornoalleorigini.com/>>. Acesso em 10 fev. 2012.

Segundo reportagem do jornal *Vanguarda*, da cidade de Urussanga, a festa *Ritorno Alle Origini*

[...] è stata creata con lo scopo di promuovere i prodotti di Urussanga, come i vini, la gastronomia e le attività tipiche. Con una finalità specialmente culturale intende, dalla sua creazione, fare un riscatto storico e dimostrare come era la vita da anni indietro. Secondo Gilson Fontanella, la commemorazione ha cominciato ad essere pensata nei primi anni del 1990, quando il Governo e il movimento culturale di Urussanga decidirono di creare un evento per valorizzare le abitudini e la cultura portata dall'Italia.⁴⁷

⁴⁷ “[...] foi criada com o intuito de valorizar os produtos de Urussanga, entre eles o vinho, a gastronomia e as atividades típicas. Com um caráter estritamente cultural pretende, desde que foi criada, fazer um resgate histórico e demonstrar como era a vida há décadas. Segundo Gilson Fontanella, a festa começou a ser pensada no início da década de 1990, quando o Poder Público e o movimento cultural de Urussanga decidiram criar um evento para valorizar os costumes e a cultura italiana” (tradução Jornal Vanguarda). *Ritorno alle Origini*, a festa da tradição. **Jornal Vanguarda**, Urussanga, 25 maio. 2011. Disponível em: <<http://www.jvanguarda.com.br/2011/05/25/ritorno-alle-origini-a-festa-da-tradicao/>>. Acesso em 15 fev. 2012.

Desse modo, nas festas, através das apresentações musicais, danças, indumentárias apresentadas como típicas ou folclóricas e gastronomia da região, tenta-se representar os habitantes da cidade como italianos, mesmo que nascidos no Brasil, como ressalta Luiz Felipe Falcão.⁴⁸ Deve-se advertir que muitas das “tradições” encontradas nessas festas locais e consideradas presentes desde a chegada dos primeiros imigrantes, como por exemplo, a gastronomia, suas vestimentas, músicas apreciadas, práticas cotidianas e a intensa religiosidade,⁴⁹ são muitas vezes parte do que Eric Hobsbawm e Terence Ranger denominaram “tradição inventada”:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamentos através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado.⁵⁰

Algumas das práticas consideradas “padrão” entre os primeiros imigrantes, como sua intensa produção de vinho e sua alimentação diária à base de polenta eram presentes, o que não significa dizer que todos eles o faziam de forma igual e na mesma proporção. Outra questão importante é que muitas dessas práticas não eram comuns na Itália quando os italianos emigraram, apesar de serem consideradas tradições italianas. Muitas vezes, as dificuldades financeiras, a inexistência de técnicas de produção e o solo diverso do existente na “terra natal” faziam com que adotassem novas práticas, como na culinária, exemplificada pela *minestra* de feijão, um alimento bastante apreciado entre os descendentes de italianos em Urussanga durante o século XX, inexistente, entretanto, na Itália, mas considerada, em Urussanga, culinária italiana. Como Hobsbawm e Ranger

⁴⁸ FALCÃO, Luiz Felipe. Encontros transversos: a questão da identidade cultural italiana em Santa Catarina no final do século XX. **Fronteiras**, Florianópolis, n. 12, p. 75-88, jul. 2004. p.76.

⁴⁹ De acordo com o pesquisador Luis Fernando Beneduzi, os imigrantes italianos que chegaram ao sul do Brasil, no final do século XIX, trouxeram consigo um catolicismo fervoroso, que podia ser observado através “dos sacramentos, a participação masculina no mundo religioso, o lugar primeiro da capela.” BENEDEUZI. **Imigração italiana e catolicismo...**, op. cit. p. 53.

⁵⁰ HOBBSAWM, Eric; RANGER, Terence (orgs.). **A invenção das tradições**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997. p. 9.

bem indicam “tradições’ que parecem ou são consideradas antigas são bastante recentes, quando não são inventadas”.⁵¹

Mas a afirmação da identidade italiana não é encontrada apenas na cidade de Urussanga. Segundo os estudos da socióloga Maria Catarina Zanini,⁵² essa italianidade está presente em muitas cidades de imigração italiana, em especial no sul do Brasil. Para tal pesquisadora, essa revivificação se faz presente nas variadas camadas sociais, como nas classes populares que expressam a italianidade através das festas e jogos de bocha, já que não costumam fazer parte das associações italianas, frequentadas pelas classes de mais alta renda.

Para Maria Catarina Zanini, essa afirmação da identidade italiana passou a ser vista como algo positivo apenas no decorrer das décadas de 1970 e 1980, quando feito um século da colonização italiana no estado do Rio Grande do Sul, de modo que os “descendentes almejavam, de alguma forma, expressar sua origem italiana”.⁵³ Posteriormente a essas décadas, através da formação dos *circolos* e, principalmente, dos *gemellaggi*, estabeleceram-se convênios com cidades italianas. Com o *gemellaggio*, as oportunidades dos ítalo-brasileiros ingressarem e trabalharem documentados na Itália⁵⁴ aumentaram, como ocorrido em Urussanga, que possui o *gemellaggio* com a cidade italiana de Longarone desde o ano de 1992. Criaram-se, através desse pacto, variadas oportunidades de emprego para os urussanguenses, em especial nas sorveterias italianas, que

[...] oferecem inclusive a passagem para os trabalhadores ítalo-brasileiros trabalharem na Itália ou na Alemanha. Há contratos em que a passagem está incluída, outros em que é descontada do salário

⁵¹ HOBSBAWM; RANGER (orgs.). **A invenção das tradições...**, op.cit., p.9.

⁵² ZANINI. **Italianidade no Brasil Meridional**. op. cit. p. 197.

⁵³ Ibidem.

⁵⁴ A imigração para a Itália é um fenômeno novo, ocorrendo um aumento em meados da década de 1980, o que ocasionou uma “série de alterações no cotidiano [italiano], sobretudo um cruzamento, no interior da nação, com novas dinâmicas culturais e com novas representações sociais.” BENEDEUZI, Luiz Fernando. Alguns lugares de memória de processos diaspóricos: narrativas de mulheres brasileiras e argentinas na Itália contemporânea. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 1, n. 2, p. 3-20, jul./dez. 2009. p. 4.

posteriormente e também aqueles segundo os quais o trabalhador é quem paga.⁵⁵

Dessa forma, durante a estação de verão na Itália, e também em alguns casos, no decorrer da primavera e outono, através dos contatos realizados entre as duas cidades, os donos de sorveterias na cidade de Longarone oferecem empregos aos urussanguenses, como destaca Carla Nichele Serafim.⁵⁶ Muitos desses ítalo-brasileiros saem de Urussanga com um emprego garantido na Itália, através do contrato de trabalho temporário tramitado por agenciadores. Esses urussanguenses permanecem parte do ano trabalhando na Europa, principalmente de março a novembro, e muitos acabam retornando para o Brasil no mês de dezembro. O tempo de permanência nos países de destino, como Itália e Alemanha, é variável, encontrando-se urussanguenses que permanecem alguns anos ou décadas morando no exterior, enquanto outros viajam comumente com os contratos de trabalho, retornando ao Brasil anualmente.⁵⁷

O número de urussanguenses com cidadania italiana que emigrou para trabalhar nos países europeus, em especial Itália e Alemanha, cresceu na virada do século XX para o XXI. No ano de 1998, de acordo com Adiles Savoldi, a cidade contava com uma média de 70 pessoas com cidadania italiana trabalhando na Itália e na Alemanha.⁵⁸ Já no ano de 2004, conforme matéria do jornal *Vanguarda*, de Urussanga, centenas de pessoas deixaram “a cidade para trabalhar nas sorveterias alemãs [...], trazendo para casa consideráveis poupanças”.⁵⁹

Apesar da crise internacional, que provocou um grande número de desempregos em diversos países europeus a partir do ano de 2010, a emigração no âmbito econômico ainda é vista pelos urussanguenses como

⁵⁵ SAVOLDI, Adiles. **O caminho inverso:** a trajetória dos descendentes de imigrantes italianos em busca da dupla cidadania. Florianópolis, 1998. 170 p. Dissertação (Mestrado em Antropologia). UFSC. p. 109.

⁵⁶ SERAFIM, Carla Nichele. **Construção da italianidade entre descendentes de imigrantes no município de Urussanga, Santa Catarina.** Florianópolis, 2007. 128 p. Dissertação (Mestrado em Psicologia). UFSC.

⁵⁷ SAVOLDI. **O caminho inverso.** op. cit. p. 129.

⁵⁸ *Ibidem*, p. 16. Importante destacar, neste sentido, que o reconhecimento da cidadania italiana é através do *Jus Sanguinis*, que significa, de acordo com Adiles Savoldi, o “vínculo sanguíneo do ascendente italiano em linha direta até seus descendentes, sejam do bisavô para avô, deste para o pai, do pai para o filho, em seqüência até o pretendente, sem limites de geração”. *Ibidem*, p. 81.

⁵⁹ Temporada difícil para urussanguenses na Alemanha. **Jornal Vanguarda.** Urussanga, 29 out. 2004.

vantajosa, como por exemplo, os trabalhos nas sorveterias alemãs e italianas. Segundo reportagem do jornal *Portal Panorama SC*, o “salário mínimo de 1.200 euros continua estimulando brasileiros, em especial os urussanguenses, a trabalharem por lá”.⁶⁰

Além das oportunidades de trabalho, os convênios criados a partir de algumas entidades, como os *circolos* e consulados, oferecem aos ítalo-brasileiros cursos de língua italiana. Observou-se, nos últimos anos, um investimento em algumas cidades de imigração italiana, em especial nos estados do sul do Brasil, “em se ensinar a língua italiana falada hoje na Itália”, como salienta Emerson César de Campos.⁶¹ Tais cursos de língua italiana, como os oferecidos no Centro de Cultura Italiana (CCI), no Círculo Ítalo-Brasileiro (CIB) e no *Circolo Trentino*, são procurados, sobretudo, pelos descendentes de italianos que almejam viajar a passeio ou emigrar a trabalho para a Itália.

Outra maneira de os descendentes afirmarem a italianidade é através da obtenção da cidadania italiana. Muitos dos urussanguenses, por serem descendentes de imigrantes italianos, têm o direito à dupla cidadania, o que lhes dá autorização para entrar na Itália e nos demais países da União Europeia.⁶² A cidadania italiana, para Adiles Savoldi,⁶³ representa não apenas o direito do urussanguense desfrutar de um país de “Primeiro Mundo”, tornando-se também uma ligação com os antepassados que chegaram a Urussanga no final do século XIX. Nas décadas de 1990 e 2000, muitos urussanguenses obtiveram sua cidadania italiana, alguns com o objetivo de viajar a passeio para a Itália, outros, com o intuito de trabalhar nos países europeus, além de alguns que almejavam viajar a trabalho para os Estados Unidos por meio do passaporte italiano.⁶⁴

⁶⁰ COSTA, Márcia. La stessa cosa. **Portal Panorama SC**. Urussanga, 5 nov. 2010. Disponível em: <<http://portalpanorama.com/2010/11/05/la-stessa-cosa/>>. Acesso em: 14 jan. 2010.

⁶¹ CAMPOS, Emerson César de. **Territórios deslizantes: recortes, miscelâneas e exhibições na cidade contemporânea – Criciúma (SC) (1980-2002)**. Florianópolis, 2003. Tese (Doutorado em História). Universidade Federal de Santa Catarina. (Centro de Filosofia e Ciências Humanas, UFSC). p. 162.

⁶² Para Gerusa Fontanella, os países de destino mais escolhidos pelos urussanguenses no continente europeu são Alemanha, Áustria, Inglaterra, Itália e Portugal. FONTANELLA, Gerusa. **Motivos que levam os cidadãos urussanguenses a se utilizarem da dupla cidadania para migrar para a Europa**. Tubarão, 2004. 88 p. Monografia (Graduação em Relações Internacionais). UNISUL.

⁶³ SAVOLDI. **O caminho inverso**. op. cit. p. 101.

⁶⁴ *Ibidem*, p. 92.

Com isso, após obterem a cidadania italiana, muitos dos urussanguenses “aventuram-se” em um novo país, em especial na Itália, vivenciando novas experiências longe da “terra natal”. Muitos destes urussanguenses, ao migrarem para a Itália, esperam encontrar um acolhimento dos italianos, os “parentes distantes”; contudo, muitas são as dificuldades enfrentadas, como, por exemplo, o escasso conhecimento do idioma italiano, além do preconceito entre os habitantes locais e a saudade dos familiares e amigos deixados na cidade de origem.

A cidade de Urussanga já está acostumada com o fenômeno da emigração. Os meios de comunicação noticiam o fenômeno migratório de variadas formas, como as emissoras de rádios locais, que informam sobre vagas de emprego na Europa, e os jornais, que divulgam fotografias de emigrantes festejando a data de aniversário em países como Alemanha e Itália, além das mensagens enviadas “para seus parentes e amigos. No comércio, o período de final e começo de ano, é percebido pelos lojistas como a temporada de regresso dos que estavam fora do país”, conforme destaca Gilberto Tonetto.⁶⁵

Em suma, a emigração vem promovendo variados impactos na cidade de Urussanga, pois muitos urussanguenses são beneficiados. Alguns ítalo-brasileiros retornam com o ideal de “depositar suas economias” na abertura de novos empreendimentos, como restaurantes, cafés e lojas no comércio, além dos investimentos no setor da construção civil, como a edificação de prédios e casas. Segundo os estudos de Gilberto Tonetto, verificou-se, nos últimos anos, na cidade de Urussanga, “uma tímida verticalização associada à expansão da área urbana e que fazem parte do processo de crescimento da economia relacionada aos investimentos do fluxo migratório”.⁶⁶

Considerações finais

Pode-se então notar que os urussanguenses constroem uma identidade italiana, como observado nas manifestações presentes nas festas locais, e ao migrar para a Itália esperam encontrar um acolhimento dos

⁶⁵ TONETTO, Gilberto. **A ampliação do setor da construção civil e imobiliário a partir dos investimentos dos migrantes de Urussanga-SC no período de 2001-2008**. Criciúma, 2009. 57 p. Monografia (Graduação em Geografia). UNESC. p. 14.

⁶⁶ *Ibidem*, p. 48.

italianos, os “parentes distantes”. Muitos deles acabam idealizando a Itália dos séculos passados, aquela deixada por seus ancestrais, da macarronada, da *nonna*, do catolicismo fervoroso e dos dialetos, aquele lugar utilizado na memória dos imigrantes italianos do século XIX para construir imageticamente a cidade de Urussanga, o seu novo mundo, como apresentam Akhil Gupta e James Ferguson.⁶⁷ Deste modo, conforme aponta Maria Catarina Zanini,⁶⁸ muitos urussanguenses descendentes dos italianos nem conhecem

[...] a Itália real, sentem-se parte de uma comunidade imaginada [...] pela qual desenvolvem vínculos afetivos de pertencimento. [...] Os objetos dos antepassados, a Itália, a origem familiar e seus símbolos concretos (ou não) se transformam em coisas sagradas e estão carregados de *mamma*, converteram-se em patrimônio.” (grifo do autor).

No entanto, quando chegam à Itália para trabalhar, tais descendentes percebem que, apesar de possuírem a cidadania italiana, são vistos quase sempre como brasileiros, imigrantes pobres e extracomunitários.⁶⁹ De tal modo, tais descendentes ítalo-brasileiros, após permanecerem determinado tempo trabalhando na Itália, identificam-se mais intensamente com o Brasil, o seu país de origem, característica não tão presente quando aqui residiam, o que significa dizer que acabam “por se sentirem mais brasileiros e a valorizar mais as características do povo e da sociedade de nascimento [tendo em vista que a] Itália boa é [a] que cultivam aqui”, conforme enfatiza Maria Catarina Zanini.⁷⁰

Enfim, são festas, comidas, indumentárias típicas, *gemellaggio*, dupla cidadania, aulas do idioma italiano, dentre outros meios que fazem com que os urussanguenses afirmem a identidade italiana. Assim, Urussanga, a cidade de imigração italiana do final do século XIX, tornou-se nas últimas décadas uma cidade brasileira “pintada de verde, branco e vermelho”, ou seja, decorada com as cores da bandeira da Itália, além de ter

⁶⁷ GUPTA, Akhil; FERGUSON, James. Mais além da “cultura”: espaço, identidade e política da diferença. In: ARANTES, Antônio A. (Org.). **O espaço da diferença**. Campinas: Papirus, 2000. p. 36.

⁶⁸ ZANINI. **Italianidade no Brasil Meridional**. op. cit. p. 201.

⁶⁹ SAVOLDI. **O caminho inverso**. op. cit. p. 136.

⁷⁰ ZANINI. **Italianidade no Brasil Meridional**. op. cit. p. 236.

se transformado em “terra de emigrantes”, já que muitos moradores veem a emigração para a Itália como um projeto de vida e um meio de ascensão social.

Artigo enviado em abril de 2012; aprovado em novembro de 2012.